

Limite. ISSN: 1888-4067
Vol. 10.1, 2016, pp. 9-12

Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

Vol. 10.1 / 2016



2016

Revista científica de carácter anual sobre estudios portugueses y lusófonos, promovida por el Área de Filologías Gallega y Portuguesa (UEx) en colaboración con la SEEPLU.
<http://www.revistalimite.es>

CONSEJO DE REDACCIÓN

Director - Juan M. Carrasco González - direccion@revistalimite.es

Secretaría - María Luísa Leal / Iolanda Ogando González secretaria@revistalimite.es

VOCALES

Carmen M^a Comino Fernández de Cañete (Universidad de Extremadura)

Christine Zurbach (Universidade de Évora)

Luisa Trias Folch (Universidad de Granada)

M^a da Conceição Vaz Serra Pontes Cabrita (Universidad de Extremadura)

M^a Jesús Fernández García (Universidad de Extremadura)

Salah J. Khan (Universidad de Extremadura)

Teresa Araújo (Universidade de Lisboa)

Teresa Nascimento (Universidade da Madeira)

COMITÉ CIENTÍFICO

Ana Maria Martinho (Universidade Nova de Lisboa)

António Apolinário Lourenço (Universidade de Coimbra)

Carlos Cunha (Universidade do Minho)

Cristina Almeida Ribeiro (Universidade de Lisboa)

Dieter Messner (Universität Salzburg)

Gerardo Augusto Lorenzino (Temple University, Philadelphia)

Gilberto Mendonça Teles (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Hélio Alves (Universidade de Évora)

Isabel Leiria (Universidade de Lisboa)

Isabelle Moreels (Universidad de Extremadura)

Ivo Castro (Universidade de Lisboa)

José Augusto Cardoso Bernardes (Universidade de Coimbra)

José Camões (Universidade de Lisboa)

José Muñoz Rivas (Universidad de Extremadura)

Maria Carlota Amaral Paixão Rosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

M^a Filomena Candeias Gonçalves (Universidade de Évora)

M^a da Graça Sardinha (Universidade da Beira Interior)

M^a Graciete Besse (Université de Paris IV-La Sorbonne)

Maria Helena Araújo Carreira (Université de Paris 8)

Nuno Júdice (Universidade Nova de Lisboa)

Olga García García (Universidad de Extremadura)

Olívia Figueiredo (Universidade do Porto)

Otília Costa e Sousa (Instituto Politécnico de Lisboa)

Paulo Osório (Universidade da Beira Interior)

Xosé Henrique Costas González (Universidade de Vigo)

Xosé Manuel Dasilva (Universidade de Vigo)

EDICIÓN, SUSCRIPCIÓN E INTERCAMBIO

Servicio de Publicaciones. Universidad de Extremadura

Plz. Caldereros, 2. C.P. 10071 – Cáceres. Tfno. 927 257 041 / Fax: 927 257 046

<http://www.unex.es/publicaciones> – e-mail: publicac@unex.es

© Universidad de Extremadura y los autores. Todos los derechos reservados.

© Ilustración de la portada: Miguel Alba. Todos los derechos reservados.

Depósito legal: CC-973-09

I.S.S.N.: 1888-4067

Imprime: Gráficas Biblos S.A. Tfno. 927 225 728

Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

Número 10.1 – 2016

Varição Dialetal e História da Língua Portuguesa

Coord. Paulo Osório



Bases de datos y sistemas de categorización donde está incluida la revista:

ISOC y DICE (Consejo Superior de Investigaciones Científicas), Dialnet, Latindex, CIRC (Clasificación Integrada de Revistas Científicas).



Juan M. Carrasco González, director de la revista, tiene el placer de anunciar que *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* ha sido aceptada para su indexación en el Emerging Sources Citation Index, la nueva edición de Web of Science. Los contenidos de este índice están siendo evaluados por Thomson Reuters para su inclusión en Science Citation Index Expanded™, Social Sciences Citation Index®, y Arts & Humanities Citation Index®. Web of Science se diferencia de otras bases de datos por la calidad y solidez del contenido que proporciona a los investigadores, autores, editores e instituciones. La inclusión de (Revista) en el Emerging Sources Citation Index pone de manifiesto la dedicación que estamos llevando a cabo para proporcionar a nuestra comunidad científica con los contenidos disponibles más importantes e influyentes

Limite

Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía

Número 10.1 – 2016

Variação Dialetoal e História da Língua Portuguesa

SUMARIO / SUMÁRIO

Paulo Osório – Nota Introdutória. Variação Dialetoal e História da Língua Portuguesa	9-11
Lisete Gaspar / Paulo Osório – A Estrutura Atributiva e os Tipos de Posse no <i>Leal Conselheiro</i> de D. Duarte: um Estudo de Sintaxe histórica	13-39
Fortunato Castro Piñas – Más noticias sobre el pronombre enclítico al participio en la lengua del valle de Jálama o <i>Xálima</i>	41- 62
Ignacio Vázquez Diéguez – Conservação de léxico comum entre galego e português do norte: limites entre vocabulário padrão e vocabulário dialetoal	63-84
Fernando Brissos – Portugal: a cidade e o interior. I – Centro-sul	85-106
Fabio Scetti – Variación dialetoal de la lengua portuguesa. Evolución de la lengua portuguesa en un contexto de migración: la “comunidade portuguesa” de Montreal	107-119

Varia

Teresa Araújo – O espelho da «saudade de conversar contigo» (cartas de Sophia a J. de Sena)	123-135
Carlos Nogueira – A poesia de Liberto Cruz: arte e comunicação	137-163
Ana Paula Arnaut – <i>O Fotógrafo e a Rapariga</i> (Mário Cláudio): o labirinto da biografia das paixões	165-178
Amélia Maria Correia – Camões no cânone escolar. Paradigmas e leituras(s)	179-199

Reseñas /recensões

T. F. Earle – António Ferreira, <i>Castro</i> , ed. org. por Marfa Rosa Álvarez Sellers, 2000	203-204
Xosé Manuel Dasilva – Jorge Bastos da Silva, <i>Tradução e Cultura Literária. Ensaio sobre a Presença de Autores Estrangeiros em Portugal</i> , 2014	205-207
Maria do Rosário Cunha – Eça de Queirós, <i>O Mistério da Estrada de Sintra</i> , edição crítica de Ana Luísa Vilela, 2015.	207-210
Marfa Eugénia Pedrosa Casares – Carlos Reis, <i>Pessoas de Livro</i> .	

<i>Estudos Sobre a Personagem, 2015</i>	211-213
Maria Graciete Besse – Lídia Jorge, <i>O Amor em Lobito Bay</i>, 2016	214-216
Normas de publicação / Normas de publicação	217-221

Limite

Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía

Vol. 10.1 – 2016

Dialectal variation and History of the Portuguese Language

SUMMARY

- Paulo Osório** – Introductory note. Dialectal variation and History of the Portuguese Language 9-11
- Lisete Gaspar / Paulo Osório** – The Attributive Structure and the Types of Possession in *Leal Conselheiro* by D. Duarte: a Study in Historical Syntax 13-39
- Fortunato Castro Piñas** – New Remarks on the Attachment of Pronoun and Participle in the Language of Jálama or *Xálima* 41-62
- Ignacio Vázquez Diéguez** – Conservation of a Common Lexicon Between Galician and Northern Portuguese: Limits Between Standard Vocabulary and Dialectal Vocabulary 63-84
- Fernando Brissos** – Portugal: the City and the Inland. I – The Center-south 85-106
- Fabio Scetti** – Dialectal Variation of the Portuguese Language. Evolution of the Portuguese Language in the Context of Migration: the “*comunidade portuguesa*” of Montreal 107-119

Varia

- Teresa Araújo** – The Mirror of the «*saudade de conversar contigo*» (Sophia letters to J. de Sena) 123-135
- Carlos Nogueira** – The Poetry of Liberto Cruz: Art and Communication 137-163
- Ana Paula Arnaut** – *O Fotógrafo e a Rapariga* (Mário Cláudio): The Labyrinth of the Biography of Passions 165-178
- Amélia Maria Correia** – Camões in the School Canon. Paradigms and Reading(s) 179-199

Book reviews

- T. F. Earle** – António Ferreira, *Castro*, ed. by Marfa Rosa Álvarez Sellers, 2000 203-204
- Xosé Manuel Dasilva** – Jorge Bastos da Silva, *Tradução e Cultura Literária. Ensaio sobre a Presença de Autores Estrangeiros em Portugal*, 2014 205-207

María do Rosário Cunha – Eça de Queirós, <i>O Mistério da Estrada de Sintra</i>, ed. by Ana Luísa Vilela, 2015	207-210
María Eugenia Pedrosa Casares – Carlos Reis, <i>Pessoas de Livro. Estudos Sobre a Personagem</i>, 2015	211-213
María Graciete Besse – Lúdia Jorge, <i>O Amor em Lobito Bay</i>, 2016	214-216
Standards of publication	218-221

Variación dialectal e historia de la lengua portuguesa

Varição dialectal e história da língua portuguesa

Coord. Paulo Osório

Portugal: a cidade e o interior. I – Centro-sul

Fernando Brissos
Universidade de Lisboa¹
fbrissos@yahoo.com

Data de receção do artigo: 31-03-2016
Data de aceitação do artigo: 16-05-2016

Resumo

Portugal tem vindo a sofrer, em tempos recentes, um intenso processo de despovoamento do interior em prol do litoral, que produz necessariamente consequências linguísticas. Neste trabalho, analisa-se dialetometricamente um *corpus* exaustivo de fenómenos fonético-fonológicos e morfológicos (ou morfossintáticos) dos dialetos do centro-sul do país, com o objetivo de verificar possíveis efeitos daquele processo no último quartel do século XX. Os resultados demonstram um panorama dialetal conservador e apontam de forma clara as principais personalidades dialetais *macro* da região.

Palavras-chave: mapa dialetal do centro-sul português, desertificação (humana) do interior português, dialetometria.

Abstract

Portugal has in recent times been undergoing an acute depopulation of the interior part of the country, with a corresponding influx into the coastal region, a process which unavoidably has linguistic consequences. In this paper we use a dialectometrical approach to analyse a comprehensive *corpus* of phonetic, phonological and morphological (or morphosyntactic) features of Portuguese central-southern dialects, with the goal of querying for possible effects of the referred process. The results show a well-established, conservative

¹ Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Linguística, Complexo Interdisciplinar da Universidade da Universidade de Lisboa, Av. Prof. Gama Pinto, 2, 1649-003 Lisboa, Portugal.

positioning of those dialects, and allow us to clearly perceive the main dialectal areas of the region.

Keywords: central-southern Portuguese dialectal mapping, depopulation of Portuguese interior, dialectometry.

1. Introdução

É bem sabido que, desde a industrialização e o subsequente desenvolvimento do setor dos serviços, Portugal tem sofrido um processo crescente e, nas últimas décadas, intenso de abandono do meio rural em prol das cidades, cujos expoentes (industriais, populacionais, cosmopolitas) estão, como sempre estiveram, localizados no litoral. A “desertificação do interior”, observável com facilidade de ano para ano, é hoje um assunto do dia-a-dia da discussão política do país, mediática e não mediática, por via da intensificação daquele processo, a qual, por sua vez, parece ter como causas imediatas o novo paradigma económico introduzido pela globalização da economia e pela integração na União Europeia. Portugal é apenas mais um de um conjunto significativo de países cujo setor primário tem vindo a decrescer fortemente, o que, dado que esse setor era a base da economia, teve consequências profundas nas sociedades respetivas – diferentes consoante os países, naturalmente. Pode de facto dizer-se que se passou de um tempo em que era importante, e as políticas públicas do estado português refletiam-no indelevelmente, ter a população dispersa pelo território, de modo a aproveitar ao máximo o solo, para um tempo em que a agricultura não só decresceu como está altamente mecanizada; a combinação perfeita, portanto, para levar as pessoas para as cidades, onde os novos setores em expansão (secundário e terciário, mais recentemente sobretudo este) quase residem. O quadro 1 e o mapa 1 (Anexo) ilustram o processo, chamado por vezes de “litoralização” da demografia portuguesa. No quadro 1 podemos ver uma sistematização, por região geográfica, do crescimento populacional do país no pós-guerra; o mapa 1 transpõe desse quadro as regiões onde houve um decréscimo mais acentuado, sendo notória a sua distribuição – transversal, de resto – no interior do país.

A dialetologia necessita por isso, tal como outras ciências humanas e sociais o têm feito (geografia, sociologia, política, economia, etc.), de abordar o problema ao nível *macro*, i.e. ao nível

das consequências que – inevitavelmente – aquelas mudanças sociais tiveram/têm/terão no mapa dialetal. É mesmo defensável, aliás, a ideia de que a classificação dos dialetos portugueses que unanimemente se utiliza desde há décadas (a *Nova proposta* de Cintra 1983, originalmente publicada em 1971) já está desatualizada, como referiu Ivo Castro em entrevista recente (Castro 2016):

Em Portugal, há 50 anos, dizia-se que havia dialetos no Norte e no Sul do país que se distinguiam, e no Norte havia mais dialetos que se distinguiam uns dos outros. [...] Havia um panorama que foi cartografado, que é o mapa de dialetos de Lindley Cintra. Um mapa muito semelhante aos das regiões portuguesas de Orlando Ribeiro. São produtos da mesma época e que davam conta da situação nessa altura. Hoje em dia não há isso. Não há a mesma divisão entre Norte e Sul. Há, sim, divisão entre litoral e interior. E o litoral é constituído por uma espécie de megacidade onde vive quase toda a população portuguesa, que vem desde Viana do Castelo até ao Algarve com uma interrupção entre Sines e Lagos. Nesta megacidade predomina um superdialecto que é o português *standard* – que já não é só o português de Lisboa. É o português da comunicação social, é o português das escolas.

A visão de um Portugal dividido em eixos horizontais não é, aliás, exclusiva de Cintra ou Ribeiro. É assim que se vê tradicionalmente o país em todas as suas facetas (geográfica, etnográfica, etc.): Norte *versus* Sul, admitindo-se ou não a existência de um Centro consoante o caso. E foi também assim que as outras propostas de classificação dialetal do português – todas anteriores à de Cintra, o que só aumenta a probabilidade de concordância neste aspeto – viram o problema: desde as de Leite de Vasconcelos (1893; 1970 [1901]; 1929) à de Boléo / Silva (1974 [1962]) e à de Vázquez Cuesta / Luz (1971/1980). Mas o país está em mudança, a língua muda com ele e é necessário compreender o processo.

2. Metodologia

No presente trabalho, utilizaremos um *corpus* exaustivo de fenómenos fonéticos, fonológicos e morfológicos (ou morfossintáticos; nunca porém apenas sintáticos) dos dialetos do centro-sul do país para tentar verificar, a partir de uma abordagem dialetométrica, a existência de eventuais diferenças linguísticas entre interior e litoral na região. Esse *corpus* é constituído por:

a) os dados de Brissos (2014), que faz a caracterização, a partir de dados acústicos, dos sistemas vocálicos tónicos de treze pontos de inquérito distribuídos pelo centro-sul português; dados incorporados posteriormente no

b) *corpus* exaustivo de fenómenos fonético-fonológicos e morfológicos apresentado por Brissos (2015) para os mesmos pontos de inquérito, *corpus* esse que compreende todos os fenómenos daquelas áreas gramaticais com a exceção precisamente dos estudados por Brissos (2014).

É necessário notar o seguinte sobre a constituição do *subcorpus* proveniente de Brissos (2015): Brissos (2015:1006) classifica os fenómenos “em três graus, que se segmentam em dois grupos fundamentais: 1, grau 0 = não verificação da existência do fenómeno no ponto de inquérito respectivo; 2.1, grau 1 = fenómeno verificado, com nível de ocorrência pouco a moderadamente intensa; 2.2, grau 2 = fenómeno verificado, com nível de ocorrência frequente a regular.” Aqui, consideraremos apenas a oposição *grau 0* vs. *graus 1 ou 2*, ou seja, tomaremos em consideração só a existência ou não de cada fenómeno em cada ponto de inquérito, e não o seu grau de intensidade (estudo que abriria outras perspetivas de análise, mais subjetivas, que não incorporaremos para já na nossa abordagem.)

Na constituição do *subcorpus* derivado de Brissos (2014), por outro lado, importa ressaltar que incluímos apenas os fenómenos que implicam a existência de sistemas fonológicos diferentes do padrão nos pontos de inquérito relevantes (Brissos 2014: 78, tabela I). Foram deixados de lado fenómenos mais miúdos que os dados acústicos permitem revelar mas têm transferência limitada para a análise percetiva, que foi a utilizada por Brissos (2015) na formação do outro *subcorpus* que utilizamos.

O resultado é um *corpus* com 76 fenómenos (7 de Brissos 2014 + 69 de Brissos 2015), que, de acordo com os princípios teórico-metodológicos da chamada *Escola Dialeto métrica de Salzburgo* (EDS) (e.g. Goebel 2006 e 2010), foram sistematizados numa matriz de dados binária e analisados com os resultados que veremos na secção seguinte. Existe contudo uma divergência para com os procedimentos clássicos da EDS (ou os estudos dialeto métricos em geral), que respeita ao processo de taxaço (i.e. inventariaço dos fenómenos linguísticos): seguindo Brissos (2015),

utilizaremos os fenómenos linguísticos em si e não realizações específicas desses fenómenos. Ou seja, analisando por exemplo a realização da vogal [u] tónica do português padrão como [ʉ] (fenómeno ocorrente em certas zonas do centro-sul: Cintra 1983, Brissos 2014) no ponto de inquérito *x*, tomaremos em um mesmo conjunto (i.e. uma mesma taxação) todas as realizações referidas. Não consideraremos, portanto, cada realização em cada carta (i.e. palavra) do atlas ou questionário utilizado como um fenómeno específico (o procedimento tradicional). O procedimento que utilizamos neste estudo, já testado com sucesso por Brissos (2015), tem várias vantagens, entre as quais as seguintes: (i) não considera palavras como entidades, considerando, pelo contrário, os fenómenos na sua dimensão plena e transversal ao léxico; (ii) relacionalmente, os conceitos sem resposta não são um problema, assim como não há a necessidade de, na análise de traços fonéticos, ter conceitos provenientes de um mesmo étimo (problemas estes, na análise prática de dialetometria, muito prementes na abordagem clássica); (iii) ao não estar restrito a um questionário específico, permite a utilização de discurso espontâneo e, por isso, dialetalmente mais fiável (todos os nossos dados são baseados em discurso espontâneo, analisado acustica (Brissos 2014) ou perceptivamente (Brissos 2015), e complementado pelo estudo dos questionários no segundo caso). A principal desvantagem deste procedimento, claro está, é que é bastante mais trabalhoso do que o método tradicional: é necessário ouvir metodicamente os inquéritos e/ou estudar os questionários na totalidade, não nos podendo cingir aos mapas de um dado atlas linguístico; mas, por outro lado, não estamos, precisamente, sujeitos à arbitrariedade das formas escolhidas para cada atlas. Em todo o caso, fica claro que podemos permanecer abaixo da tradicional barreira dos 100 fenómenos definida na dialetometria – *fenómenos* esses que são na verdade, como vimos, *manifestações* específicas de fenómenos mais gerais –, embora não fiquemos longe.

Na análise dialetométrica utilizámos o *software* DiaTech (<http://eudia.ehu.es/diatech/index/>; Aurrekoetxea / Fernandez-Aguirre / Rubio / Ruiz / Sánchez 2013), de onde provêm todos os mapas dialetométricos apresentados neste trabalho.

Os pontos de inquérito considerados são os mesmos dos estudos de Brissos, cujos materiais provêm do Atlas Linguístico-

Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)² e abrangem o período 1973-1995, acrescidos de um ponto de inquérito artificial não compreendido pelo ALEPG: o português padrão, que inclui alguns daqueles fenómenos e servirá de prisma para a análise.³ Vejam-se os pontos de inquérito utilizados adiante no Anexo, mapa 2. A utilização desses pontos de inquérito não só proporciona uma cobertura interessante dos dois eixos litoral~interior numa linha longitudinal Norte/Sul (ou vice-versa) do centro-sul português como, por outro lado, permite averiguar a existência de eventuais efeitos do processo considerado em falantes conservadores em pleno final do século XX, período decisivo desse mesmo processo.

3. Resultados

Se observarmos a carta de similaridade do ponto de inquérito correspondente ao português padrão (Anexo, mapa 3), ou seja, a relação de semelhanças do português padrão com os restantes pontos de inquérito considerados, verificamos uma coincidência maior com o litoral (onde predominam, muito claramente, os pontos com cores quentes), mas apenas com o litoral vertical; no litoral horizontal, i.e. no Algarve, já só existem pontos com índice de semelhança abaixo da média (cores frias). Haveria então que distinguir entre dois litorais, o que não é necessariamente um problema, dada a “interrupção entre Sines e Lagos” que Ivo Castro não deixa de referir; note-se aliás que é no ponto de inquérito de Praia da Salema, localizado nessa interrupção, que se verifica o mais baixo índice relativo de identidade do litoral. Mas tal distinção, tenha-se presente, não deixa de implicar que não se pode falar apenas de uma oposição entre litoral, tomado em sentido geral, e interior. Considerando apenas o interior, por outro lado, há a notar que predominam muito nitidamente as cores frias.

² Veja-se sobre o ALEPG, o projeto nacional de atlas linguístico-etnográfico, Saramago (2006). O ALEPG insere-se no tipo clássico de atlas linguísticos da Geografia Linguística europeia: perfil de informante conservador, questionário incidindo nos ofícios tradicionais e na vida rural, etc..

³ Seguimos a definição de português padrão de Brissos (2012: 12): a variedade geral “falada e difundida nos *media* ou outros trabalhos culturais de referência pelas classes cultas [de] Lisboa (e, bem assim, da sua área metropolitana); norma [= português padrão] que tem depois na escola (e na escolarização) um importante meio de expansão, embora nem sempre aproveitado da mesma forma.” Um português alicerçado, portanto, no português lisboeta prestigiado e difundido na escola e nos *media*.

Se no entanto analisarmos as cartas de similaridade dos pontos localizados mais a interior (Anexo, mapas 4-7), não podemos, de modo nenhum, confirmar o *clash* litoral-interior: os parentescos linguísticos desses pontos claramente não estão sujeitos a um eixo vertical, antes a outras coerências geográficas que só uma análise de síntese pode proporcionar.

Essa síntese é dada pela análise *cluster* ou dendrográfica, o parâmetro da EDS que permite, por definição, segmentar uma área em agrupamentos (*clusters*) – no caso, segmentar uma área dialetal em agrupamentos dialetais (Goebel 2006; Aurrekoetxea 2013). E as coerências geográficas que ela mostra são evidentes e contraditórias à fração vertical (litoral-interior), concordando antes, de forma talvez surpreendente, com as províncias ou delimitações geográficas tradicionais – e, por isso, indo ao encontro das frações horizontais.

Vejamus o mapa 8 (Anexo). Nele é aplicada uma linha de corte de dois agrupamentos à árvore dos dialetos da região considerada, pelo que temos aí a oportunidade perfeita para surgir o desenho de um contraste litoral-interior; mas o que vemos é uma divisão que coloca de um lado o centro da região (o *coração* do Alentejo) e do outro os seus pontos extremos: o Algarve, a Sul, e os pontos da Estremadura e do distrito de Portalegre, a Norte (regiões que fazem a transição para o centro do país e, em certa medida, podem já não pertencer ao verdadeiro Sul, sobretudo no caso de Portalegre; daí a designação de dialetos do *centro-sul* que adotamos aqui). A coincidência é, aliás, perfeita: só os pontos dos distritos de Évora e Beja, e todos os pontos desses distritos, é que ficam no grupo *vermelho*.

Esse grupo é, como a sua distribuição geográfica sugere, o mais coeso, o que podemos verificar à medida que vamos subindo as linhas de corte do dendrograma. Se analisarmos o mapa 9 (três agrupamentos), é Alpalhão, o ponto de inquérito que representa a variedade dialetal destacada do centro-interior português (a *variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo*, na terminologia de Cintra 1983)⁴ e que faz transição para as Beiras, que se individualiza; no mapa 10, é o Algarve, por meio dos dois pontos de inquérito com que está representado no nosso *corpus*, que é separado; no mapa 11, ficam individualizados o português padrão e o ponto de inquérito

⁴ Veja-se sobre a plena integração do sistema linguístico de Alpalhão na variedade referida Brissos (2014).

mais próximo, Freixial, surgindo agora uma mancha (representada a azul-escuro) que vai de Alcochete a Cabeço de Vide, numa espécie de eixo estremenho-ribatejano-portalegrense, nexu que tem transposição geográfica (i.e. extralinguística). É só no mapa 12, já com uma linha de corte de quase metade do número de pontos de inquérito utilizados (6 para 13), que se desfaz aquele *core* alentejano, de modo mais uma vez previsível: são individualizados pontos de inquérito da parte interior do distrito de Beja, onde a semelhança linguística com o Algarve é forte (Brissos 2014). Se finalmente passarmos a linha de fronteira de metade dos pontos de inquérito (mapa 13, com 7 agrupamentos), temos, mais uma vez, uma individualização pouco surpreendente: Cabeço de Vide, que parte o nexu Estremadura-Alto Alentejo referido e fica agora a fazer uma transição entre o núcleo alentejano e o extremo norte da região considerada.

4. Conclusão

Aspeto pertinente a abordar em estudo futuro será a fragmentação da análise por áreas gramaticais. Aqui, considerámos fonologia e morfologia em conjunto; mas que diferenças encontraremos entre cada uma dessas áreas, se é que encontraremos alguma? E como será quando compararmos também o léxico e a sintaxe? E, finalmente, quando juntarmos tudo? De qualquer modo, os nossos dados não deixam de proporcionar uma análise robusta, por partirem de um tratamento quantitativo, com algoritmos e procedimentos bem testados, de um *corpus* exaustivo de fenómenos fonético-fonológicos e morfológicos (ou morfossintáticos, mas não puramente sintáticos) do centro-sul, *corpus* esse construído a partir do estudo de discurso espontâneo de inquéritos com uma média de 15 horas de gravação e, quase sempre, vários informantes (Brissos 2015: 1005). A rede de inquéritos, por seu lado, não é densa, mas os dados de Brissos (2014) mostram que os inquéritos utilizados são plenamente representativos tanto da área dialetal *macro* considerada como das subáreas respetivas.

E os dados mostram, na verdade, que ainda não podemos falar, em informantes conservadores do final do século XX, de uma fração dialetal litoral-interior; ou, por outras palavras, o panorama tradicional, que se concretiza em frações horizontais, permanecia válido nessa época. Este facto não é verdadeiramente surpreendente, precisamente pelo perfil de informante e pela época: um indivíduo

com 60 anos em 1985 teria nascido em 1925 e chegado à maturidade antes do pós-guerra, portanto quando Portugal ainda era um país predominantemente rural e, por via disso, mantinha uma organização territorial antiga.

Talvez seja surpreendente, contudo, o grau de semelhança dos agrupamentos dialetais com as regiões geográficas tradicionais. Com efeito, o dialetólogo contemporâneo está habituado a abstrair-se dessas regiões, parecendo-lhe notoriamente arcaicas classificações dialetais como as de Leite de Vasconcelos (1893; [1901] 1970; 1929) ou Vázquez Cuesta / Luz (1971/1980), que indexam os grupos dialetais a essas mesmas regiões: o dialeto do Entre-Douro-e-Minho, o dialeto das Beiras, etc.; ou o dialeto do Norte, o do Centro e o do Sul. Mas nos nossos dados as *identidades* geográficas tradicionais evidenciaram forte personalidade linguística; assim é p. ex. que a linha de corte mínima da árvore dialetal da área analisada (2 agrupamentos, mapa 8) ressalta o Algarve e a fronteira Norte da área contra os distritos de Évora e Beja; e assim é que, no aumento sucessivo da linha de corte (i.e. no aumento do número de *clusters* considerados: mapas 9-13), vemos surgirem individualizadas, sistematicamente, áreas que um não linguista poderia definir, ou seja, as regiões – ou sub-regiões, ou zonas – geográficas tradicionais. Isso pode ser surpreendente para um dialetólogo contemporâneo, como se disse, mas mais por vício de perspectiva do que qualquer outra coisa; não será perfeitamente natural que num país antigo e estável como Portugal, com instituições – materiais e imateriais – tão bem estabelecidas, a língua, enquanto manifestação social por excelência, demonstre uma elevada dependência desse percurso tão longo? Uma coisa é certa: muita e muito antiga história externa salta imediatamente à vista do tão consolidado mapa dialetal do centro-sul português. Mapa que pode ser, portanto, uma evidência de que, hoje por hoje, talvez seja proveitoso recuperar alguma da atenção que a dialetologia tradicional prestava à dimensão externa da história da língua – entenda-se, da paisagem dialetal –, mas sem nunca impedir, coisa que a dialetologia tradicional nem sempre logrou, que uma classificação dialetal seja o que tem de ser: uma análise verdadeiramente linguística de um sistema de dialetos concretizado no espaço.

Outro aspeto particularmente interessante que os dados revelam é o que referimos como *coração alentejano* da região (o agrupamento vermelho do mapa 8). É essa, como vimos, a área

dialetal *macro* mais coesa do centro-sul (a que fica de parte no mapa 8 e a que se mantém até mais tarde no aumento progressivo da linha de corte). Essa área apresenta-se portanto como o *core* da região, quer dizer, como o centro-sul, ou sul, por excelência. Está aqui um ponto decisivo a levar em consideração na definição do que é o conjunto de dialetos meridionais, juntamente com a sua marcada uniformidade, demonstrada por Brissos (2015).

Por outro lado, se é um facto que os nossos dados ainda não demonstram o eixo vertical que se tem vindo a formar na organização territorial portuguesa (a oposição litoral-interior) *em consequência*, não deixa de ser verdade que ele parece estar aí *em potência*, por via dos parentescos linguísticos do português padrão (mapa 3). A rede de parentescos da norma apresenta-se claramente afastada do interior, o que mostra que há já campo fértil, na paisagem dialetal sulista do país, para os esperados efeitos linguísticos da cisão territorial que se tem vindo a verificar.

Bibliografia

- Álvarez / Dubert / Sousa (2006): Rosario Álvarez Blanco / Francisco Dubert García / Xulio Sousa Fernández, “Aplicación da análise dialectométrica aos datos do *Atlas Lingüístico Galego*”, in Rosario Álvarez Blanco / Francisco Dubert García / Xulio Sousa Fernández (eds.), *Lingua e territorio*, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega / Instituto da Lingua Galega, pp. 461-493.
- Aurrekoetxea / Fernandez-Aguirre / Rubio / Ruiz / Sánchez (2013): Gotzon Aurrekoetxea / Karmele Fernandez-Aguirre / Jesús Rubio / Borja Ruiz / Jon Sánchez, “‘DiaTech’: A new tool for dialectology”, *Literary and Linguistic Computing*, n. 28 (1), pp. 23-30.
- Aurrekoetxea (2013): Gotzon Aurrekoetxea, “Is a scientific measurement of linguistic boundaries possible?”, in Ernestina Carrilho / Catarina Magro / Xosé Álvarez (eds.), *Current approaches to limits and areas in dialectology*, Cambridge Scholars Publishing, pp. 123-141.
- Boléo / Silva (1974): Manuel de Paiva Boléo / Maria Helena Santos Silva, “O “Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental””, in Manuel de Paiva Boléo, *Estudos de*

linguística portuguesa e românica, I – Dialectologia e história da língua (t. I), Coimbra, Universidade de Coimbra, pp. 321-352. Versão revista e aditada da primeira publicação: 1962, *Boletim de Filologia*, n. 20, pp. 85-112.

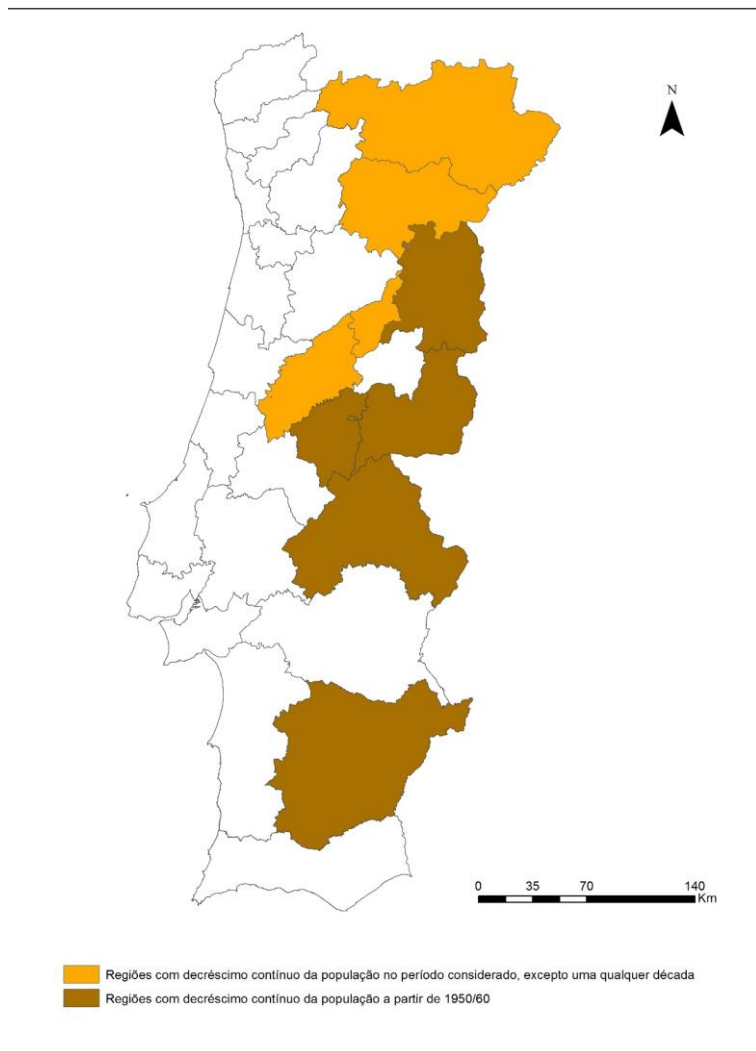
- Brissos (2012): Fernando Brissos, *Linguagem do sueste da Beira no tempo e no espaço*, Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Brissos (2014): Fernando Brissos, “New insights into Portuguese central-southern dialects: understanding their present and past forms through acoustic data from stressed vowels”, *Journal of Portuguese Linguistics*, n. 13 (1), pp. 63–115.
- Brissos (2015): Fernando Brissos, “Dialectos portugueses do Centro-Sul: *corpus* de fenómenos e revisão do problema da (des)unidade”, *Zeitschrift für romanische Philologie*, n. 131 (4), pp. 999-1041.
- Castro (2016): Ivo Castro, entrevista dada a Tânia Pinto Ribeiro para *Prelo*. Imprensa-Nacional Casa da Moeda, <http://prelo.incm.pt/2016/01/ivo-castro-em-entrevista-so-os-nao.html?m=1>. [Consulta: 14/03/2016.]
- Cintra (1983): Luís Lindley Cintra, “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses”, in Luís Lindley Cintra, *Estudos de dialectologia portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa, pp. 117–163. (Primeira publicação: 1971, *Boletim de Filologia*, n. 22, pp. 81-116.)
- DiaTech, página *web*: <http://eudia.ehu.es/diatech/index/>.
- Goebel / Smečka (2014): Hans Goebel / Pavel Smečka, “L’analyse dialectométrique des cartes de la série B de l’ALF”, *Revue de Linguistique Romane*, n. 78, pp. 439-497.
- Goebel (2006): Hans Goebel, “Recent advances in Salzburg dialectometry”, *Literary and Linguistic Computing*, n. 21 (4), pp. 411-435.
- Goebel (2010): Hans Goebel, “Introducción a los problemas y métodos según los principios de la Escuela Dialectométrica de Salzburgo (con ejemplos sacados del “Atlante Italo-Svizzero”, AIS)”, in Gotzon Aurrekoetxea / José Ormaetxea (eds.), *Tools for linguistic variation*, Universidad del País Vasco, pp. 3-39.
- Goebel (2012): Hans Goebel, “Introduction aux problèmes et méthodes de l’“École dialectométrique de Salzbourg” (avec des exemples

- gallo-, italo- et ibéroromans)", in Xosé Álvarez Perez / Ernestina Carrilho / Catarina Magro (eds.), *Proceedings of the International Symposium on Limits and Areas in Dialectology (LimiAr), 2011*, Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, pp. 117-166.
- Guardado / Gomes (2014): Maria João Guardado / Cristina Sousa Gomes, "Evolução da população portuguesa", in Mário Leston Bandeira (dir.), *Dinâmicas demográficas e envelhecimento da população portuguesa (1950-2011: evolução e perspectivas)*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, pp. 29-109.
- Saramago (2006): João Saramago, "O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)", *Estudis Romànics*, n. 28, pp. 281-298.
- Vasconcelos (1893): José Leite de Vasconcelos, "Carta dialectologica do continente português", in Manuel Ferreira-Deusdado, *Chorographia de Portugal*, Lisboa, Guillard, Aillaud & C.^{ia}.
- Vasconcelos (1929): José Leite de Vasconcelos, "Mapa dialectológico do continente português", in José Leite de Vasconcelos, *Opúsculos, IV – Filologia (Parte II)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, pp. 791-796.
- Vasconcelos (1970): José Leite de Vasconcelos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Paris em 1901. 2.^a edição "com aditamentos e correcções do Autor, preparada, com base no exemplar conservado no Museu Etnológico "Dr. Leite de Vasconcellos", por Maria Adelaide Valle Cintra", Lisboa, Centro de Estudos Filológicos. (Primeira edição: 1901, Paris, Aillaud.)
- Vázquez Cuesta / Luz (1971/1980): Vázquez Cuesta, Pilar / Luz, Maria Albertina Mendes da, *Gramática da língua portuguesa*, tradução portuguesa de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos, 1980, Lisboa, Edições 70, a partir da 3.^a edição corrigida e aumentada, 1971.

Anexo

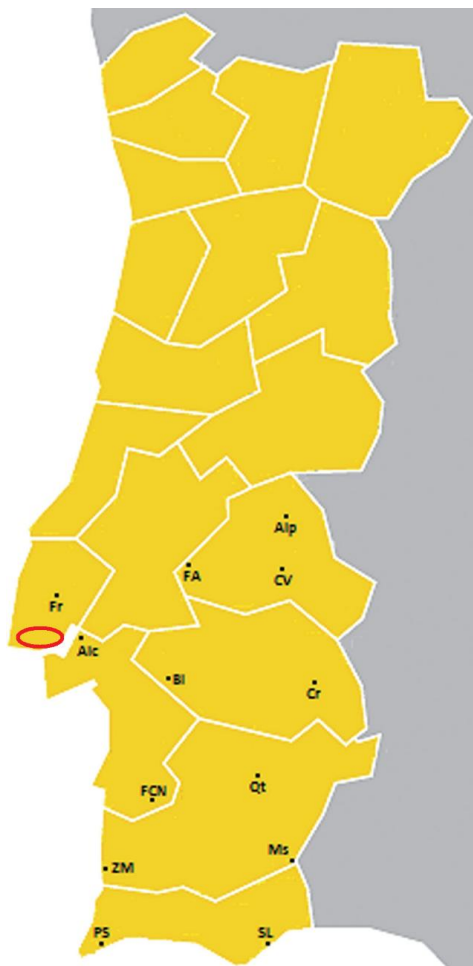
Quadro 1 – Taxa de crescimento anual médio da população de Portugal continental a partir de 1950, NUTS III (%) (extraído de Guardado / Gomes 2014: 34-35)

NUTS III	1950/1960	1950/1970	1970/1981	1981/1991	1991/2001	2001/2011
Minho Lima	0,12	-1,03	0,24	-0,26	0,01	-0,22
Cávado	0,76	0,2	1,71	0,71	1,08	0,43
Ave	1,52	0,34	1,52	0,76	0,91	0,03
Grande Porto	1,27	1,06	1,83	0,43	0,77	0,21
Tâmega	0,71	0,25	1,06	0,11	0,8	-0,01
Entre Douro e Vouga	1,32	1,12	1,16	0,63	0,94	-0,07
Douro	-0,21	-1,93	0,11	-0,9	-0,73	-0,74
Alto Trás-os-Montes	0,56	-2,58	-0,04	-1,45	-0,52	-0,88
Baixo Vouga	0,68	-0,22	1,51	0,4	0,97	0,13
Baixo Mondego	0,4	-0,39	1,14	-0,03	0,35	-0,24
Pinhal Litoral	0,73	-0,37	1,19	0,38	1,14	0,39
Pinhal Interior Norte	-0,69	-2,02	0,1	-0,86	-0,06	-0,52
Dão-Lafões	-0,04	-1,43	0,49	-0,43	0,14	-0,32
Pinhal Interior Sul	-0,33	-2,04	-1,59	-1,72	-1,26	-0,95
Serra da Estrela	-0,69	-1,9	0,05	-0,53	-0,8	-1,31
Beira Interior Norte	-0,82	-3,15	-0,44	-0,92	-0,27	-0,99
Beira Interior Sul	-0,42	-2,27	-0,85	-0,61	-0,37	-0,4
Cova da Beira	0,17	-2,16	-0,42	-0,69	0,05	-0,63
Oeste	0,33	-0,67	1,03	0,11	0,75	0,68
Médio Tejo	0,23	-0,75	0,4	-0,27	0,21	-0,24
Grande Lisboa	1,33	1,52	2,92	-0,09	0,35	0,48
Península de Setúbal	2,18	3,29	3,7	0,91	1,11	0,87
Alentejo Litoral	-0,13	-2,58	0,32	-0,45	0,15	-0,21
Alto Alentejo	-0,39	-2,54	-0,19	-0,58	-0,58	-0,7
Alentejo Central	-0,03	-2,08	0,11	-0,41	0,02	-0,4
Baixo Alentejo	-0,45	-3,03	-0,72	-1,04	-0,57	-0,64
Lezíria do Tejo	0,25	-0,66	1,02	-0,05	0,34	0,27
Algarve	-0,33	-1,6	1,85	0,53	1,49	1,33



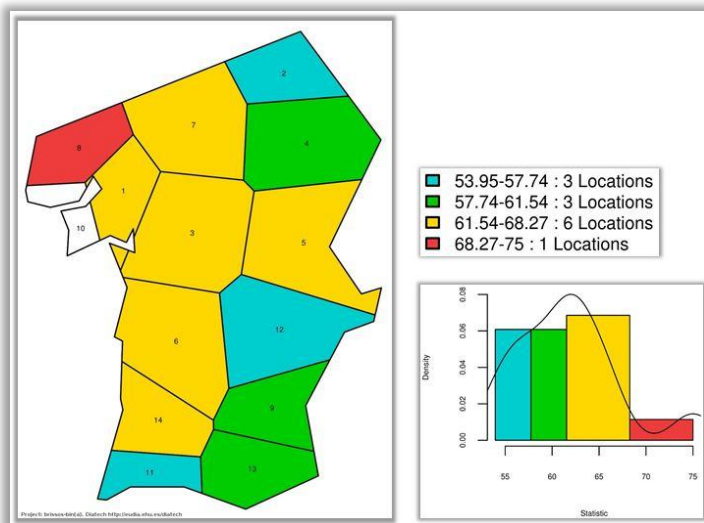
Mapa 1 – Regiões de Portugal continental com decréscimo populacional contínuo a partir de 1950, NUTS III (fonte: dados do quadro 1)⁵

⁵ Mapa elaborado por Raquel Saraiva (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa), a quem o autor também expressa o seu agradecimento pela preciosa colaboração prestada na obtenção dos dados do quadro 1.



Mapa 2 – pontos de inquérito utilizados

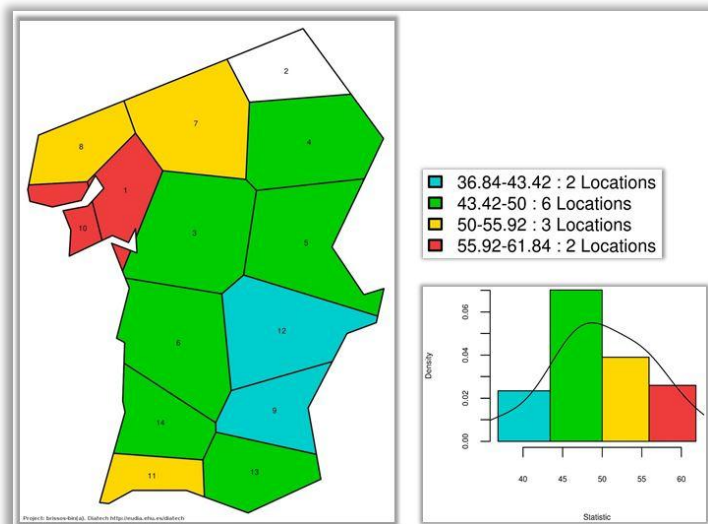
Legenda: Alp = (inquérito de) Alpalhão. FA = Foros do Arrão. CV = Cabeço de Vide. Fr = Freixial. Alc = Alcochete. FCN = Foros da Casa Nova. BI = Baldios. Cr = Carrapatelo. Qt = Quintos. Ms = Mesquita. ZM = Zambujeira do Mar. PS = Praia da Salema. SL = Santa Luzia. Com oval vermelha: português padrão.



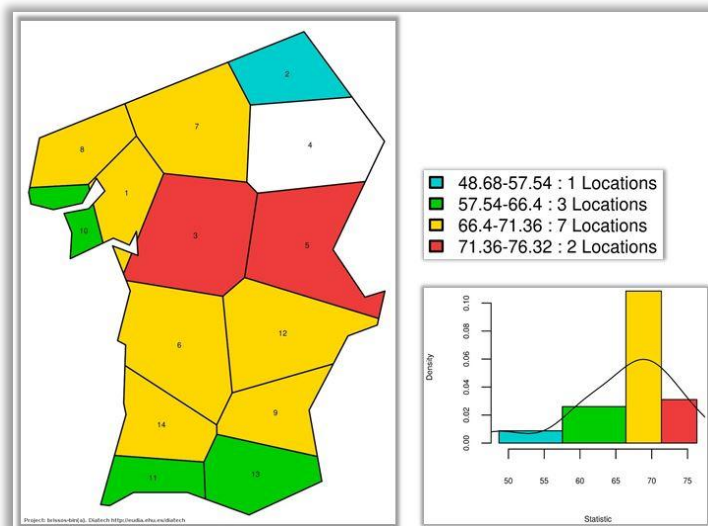
⁶ As cartas de similaridade são o parâmetro basilar da EDS. A sua função é simples: comparar um dado ponto de inquérito com os restantes.

⁷ IRI = Índice Relativo de Identidade, o principal dialetométrico da EDS (veja-se p. ex. Goebel 2010: 10).

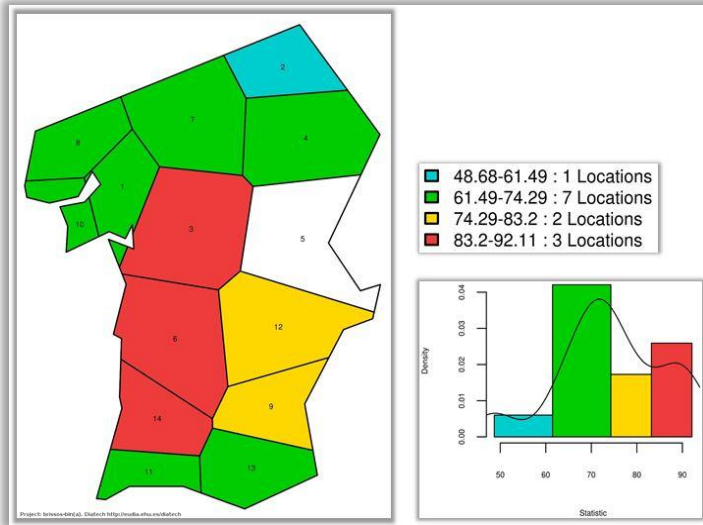
⁸ Este algoritmo de visualização, de uso corrente na EDS, divide os pontos de inquérito, com base nos seus valores de IRI, em escalões proporcionais a partir da média aritmética (MW), tanto para baixo (MIN = mínimo) como para cima (MAX = máximo). No caso concreto, uma vez que foram definidos quatro escalões (visualização 4-tupla), temos dois escalões para cima e para baixo da média, escalões esses que começam/terminam no valor numérico absoluto que define a metade de cada um dos eixos (MIN–MW e MW–MAX). Note-se que o *escalão azul* vai dos 53,95 aos 57,74 e o *escalão verde* dos 57,74 aos 61,54 (este a média), o que quer dizer que têm a mesma amplitude; o mesmo se passa no eixo MW–MAX. O facto de a divisão de escalões ser feita a partir dos valores numéricos relacionais dos pontos de inquérito, e não da quantidade de pontos de inquérito em si, significa que os escalões não têm necessariamente o mesmo número de pontos de inquérito; este mapa é disso exemplo, na medida em que o *escalão amarelo* tem seis pontos de inquérito e o *vermelho* apenas um.



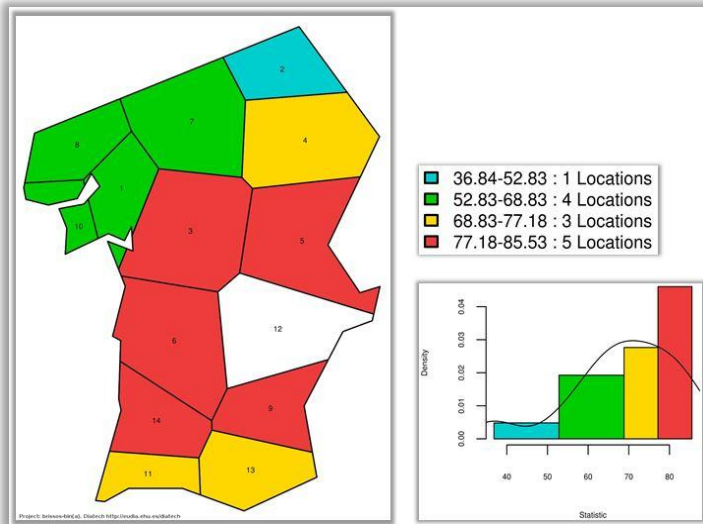
Mapa 4 – Carta de similaridade de Alpalhão
Corpus: totalidade (76 fenómenos); índice de similaridade: IRI;
 algoritmo de visualização: MINMWMAX 4-tuplo.



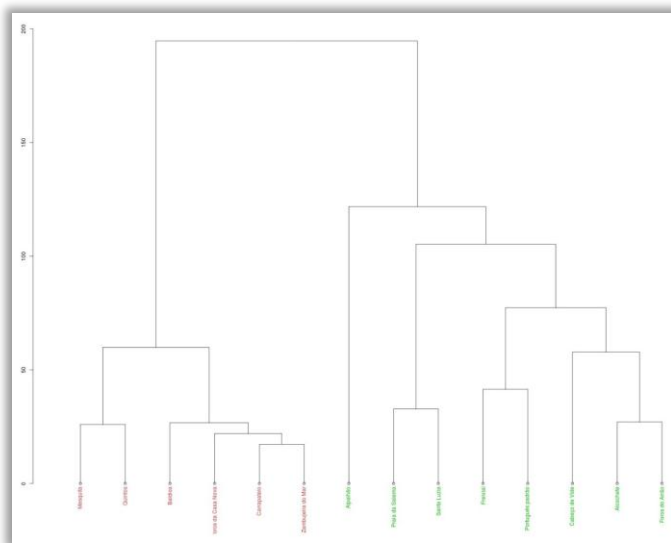
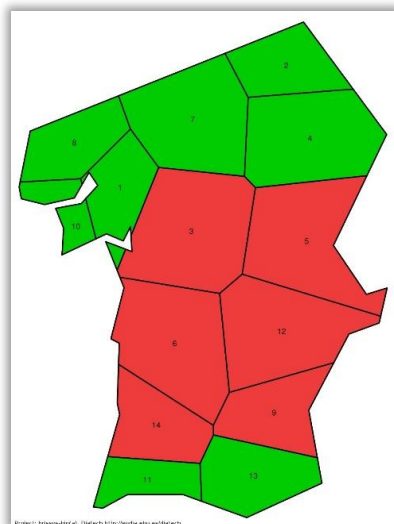
Mapa 5 – Carta de similaridade de Cabeço de Vide
Corpus: totalidade (76 fenómenos); índice de similaridade: IRI;
 algoritmo de visualização: MINMWMAX 4-tuplo.



Mapa 6 – Carta de similaridade de Carrapateiro
Corpus: totalidade (76 fenómenos); índice de similaridade: IRI;
 algoritmo de visualização: MINMWMAX 4-tuplo.

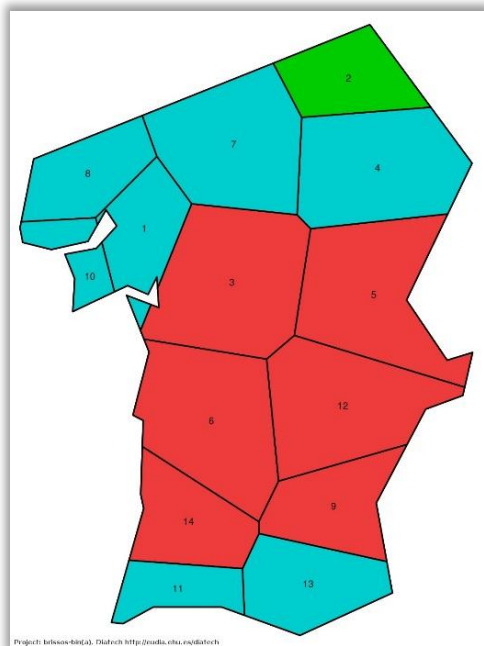


Mapa 7 – Carta de similaridade de Quintos
Corpus: totalidade (76 fenómenos); índice de similaridade: IRI;
 algoritmo de visualização: MINMWMAX 4-tuplo.



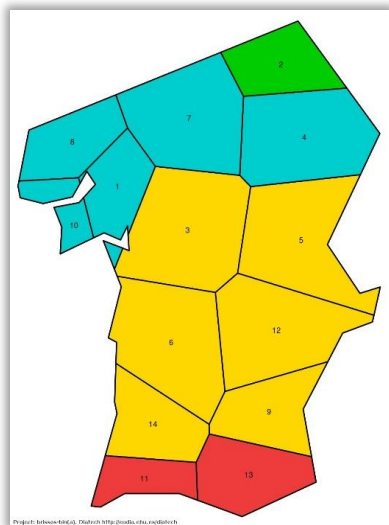
Mapa 8 – Análise dendrográfica do centro-sul português
Corpus: totalidade (76 fenómenos); índice de similaridade: IRI;
 algoritmo: Ward⁹; número de agrupamentos: 2.

⁹ De entre os vários algoritmos passíveis de utilizar na EDS, este é o que tem apresentado melhores resultados (Álvarez / Dubert / Sousa 2006: 485-487; Goebel 2012: 153; Goebel / Smečka 2014: 460).

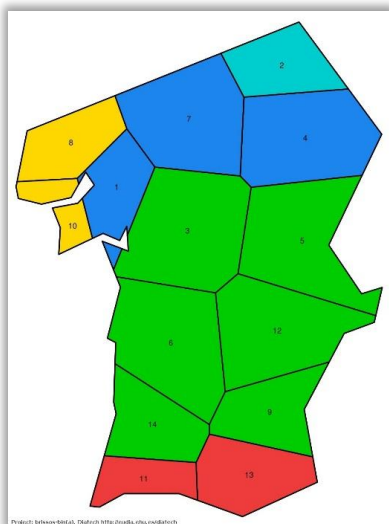


Mapa 9 – Análise dendrográfica do centro-sul português¹⁰
Corpus: totalidade (76 fenómenos); índice de similaridade: IRI;
 algoritmo: Ward; número de agrupamentos: 3.

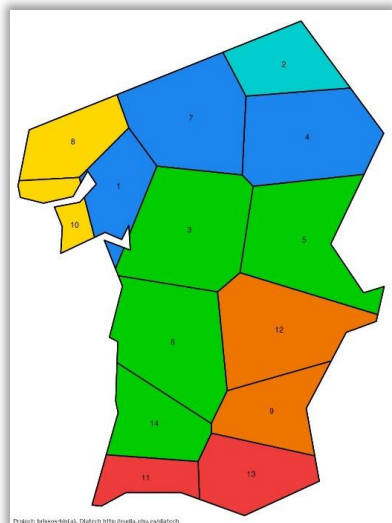
¹⁰ Não figura neste mapa, nem nos restantes que representam a análise dendrográfica da região considerada, o diagrama em árvore respetivo, dado que seria o mesmo do mapa 8; apenas haveria lugar, de acordo com o grafismo da DiaTech, à alteração das cores dos nomes das localidades, em face das cores que iriam surgindo de acordo com o número diferente de agrupamentos representados no próprio mapa. O procedimento utilizado na análise dendrográfica é simples de compreender: o resultado da análise é uma árvore (ou dendrograma), que segmentamos em linhas de corte de x agrupamentos a representar cartograficamente – ou seja, num mapa. A árvore é, por isso, a mesma: mudam apenas os mapas gerados a partir dela.



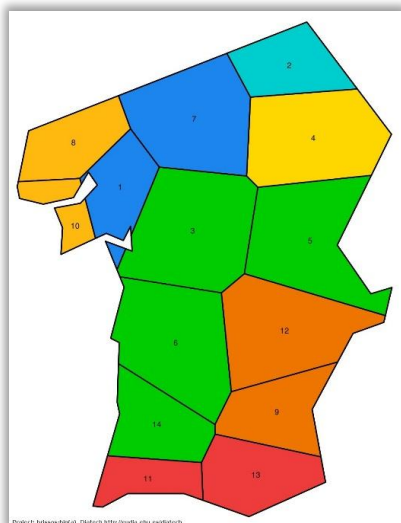
Mapa 10 – Análise dendrográfica do centro-sul português
Corpus: totalidade (76 fenómenos); índice de similaridade: IRI;
 algoritmo: Ward; número de agrupamentos: 4.



Mapa 11 – Análise dendrográfica do centro-sul português
Corpus: totalidade (76 fenómenos); índice de similaridade: IRI;
 algoritmo: Ward; número de agrupamentos: 5.



Mapa 12 – Análise dendrográfica do centro-sul português
Corpus: totalidade (76 fenómenos); índice de similaridade: IRI;
 algoritmo: Ward; número de agrupamentos: 6.



Mapa 13 – Análise dendrográfica do centro-sul português
Corpus: totalidade (76 fenómenos); índice de similaridade: IRI;
 algoritmo: Ward; número de agrupamentos: 7.